

Espiral amarela

Pedro Sasse

Prelúdio

“... sete vezes cinco trinta e cinco, sete vezes seis quarenta e dois, sete vezes sete...”. Quarenta e nove crianças de pé, separadas por distâncias iguais, em sete fileiras de sete alunos cada. “Outra vez, mais alto”. A instrutora tem voz monotônica e nenhuma ruga de expressão. A ponta dos dedos se tocam na altura da cintura, como se segurasse entre as mãos uma esfera visível apenas para ela. “Sete vezes um sete, sete vezes dois catorze, sete...”. Ao fim do coro, apenas o ruído da eletricidade correndo pelas lâmpadas. Uma vibração mínima que corrói lentamente qualquer sanidade. “Instrutora...”. A voz destoante do coro assusta, dói. Os alunos resistem à tentação de olhar para outra direção, mas nota-se o retesar dos corpos, a tensão do ar. “Mais uma vez”. Entoam novamente o saber. Esbarram, porém na voz aguda, frágil. “Eu preciso fazer...” A temperatura nunca deixa os 27 graus. Mas os corpos sentem algo a que arriscam chamar frio. Os dedos-garras se descolam da esférica posição e a instrutora, como se nervosa por deixar cair sua imaginária esfera, avança. Cada passo sucede o anterior em exatamente setenta e sete batidas por minuto. Passos curtos e constantes tocam o piso até o fim da sala. Nenhuma cabeça cogita virar-se. Mesmo para os alunos da mesma fileira, a cena só ocorre no limite do campo visual. Ouve-se um zipper e algo metálico sendo manipulado. “Mais uma vez”. “Sete vezes...”. O ruído das lâmpadas penetra os ouvidos, arranha os tímpanos. Algo se debate no fundo da sala, convulsiona. As vozes impúberes não titubeiam, ao contrário, entoam mais alto e mais alto e mais alto, tentando inutilmente abafar os gemidos que povoarão suas noites por anos.

1.

- Eu tive outra vez o sonho.

Quarenta e nove funcionários almoçam em sete longas mesas anguladas em um heptágono regular. Nas mesas, cubos de carne e uma caixa de suco. Pegam um cubo. Mastigam. Pegam outro. Mastigam. Suco. Lenço. Novamente. Ainda que não estejam perfeitamente sincronizados, o ritmo pareado dá ao recinto ares de motor. As válvulas sobem e descem, observadas pelos homens-sem-face. SS é um pistão quebrado. Sua voz sussurrante é o ruído do defeito. De cima, mecânicos, os homens-sem-face buscam a

falha. Todos os quarenta e oito outros funcionários sabem que SS é o problema. Acusá-lo significaria falar. Significaria quebrar a sequência, o ritmo, a rotina. Continuam comendo.

- Como sempre, eu acordo no centro da sala de estudos. As luzes brancas foram substituídas pelas vermelhas intermitentes. Sem os alunos, a instrutora, a luz, tudo se torna estreito, como se a qualquer momento as paredes fossem colapsar e me – os homens-sem-face empunham as armas e caminham em direção a escadaria – esmagar. Lá no meio estou eu, e eu mesmo me vejo da pequena janela de vidro da porta. Como sempre, na intermitência da luz, eu oscilo entre uma sombra amedrontada e uma figura vermelha e má que habita o fundo da minha cabeça.

Os passos da tropa ecoam pelo salão e a máquina parece funcionar mais rápido. Pega. Mastiga. Pega. Mastiga. Bebe.

- Mas dessa vez eu não estou sozinho. Há um homem limpando os corredores. Ele está velho e cheira mal. Eu pisco os olhos e ele está ao meu lado. Seus olhos estão cheios de angústia e ansiedade. E traça algo na parede. No começo... no começo parece que ele vai fazer um círculo, mas as pontas não se encontram, o final do traço está mais distante do centro que o começo. Continua tentando fechá-lo, mas quanto mais gira, mais distante do centro ele está...

SS demora a notar que os homens-sem-face pararam de avançar. Esquecendo o funcionário indisciplinado, checam as paredes do refeitório. As válvulas, ininterruptas, continuam operando. SS larga a comida, maravilhado com o som vindo do abismo. Uma batida grave, distante, reverbera do fundo das paredes, do além-corredores, além-zonas, além-mundo. Não era a vibração monótona de um tremor, mas algo ritmado, codificado, quase consciente. Era como se o mundo tentasse lhe transmitir uma mensagem. Hipnotizado, SS se aproxima da parede, quase toca os homens-sem-face. Ouve a respiração filtrada pela máscara, o barulho das engrenagens por debaixo do uniforme. Soa o quarto alarme do dia: fim do almoço.

2.

Quarenta e nove funcionários caminham pelo corredor. “Cada trecho é composto por sete placas de metal, cada placa é um quadrado perfeito e o Projeto indica que medem sete metros quadrados. É impossível, contudo, produzir um quadrado perfeito com tal área. Cada lado mede dois vírgula seis quatro cinco sete cinco um metros. A área final é de seis vírgula nove nove nove nove nove oito metros quadrados. Isso

significa que para cada placa, cria-se zero vírgula zero zero zero zero zero dois metro quadrado de vazio. Cada corredor é composto por vinte e oito placas, sete para cada parede, sete no teto e sete de piso. Cada andar é composto por quarenta e nove corredores, sete paralelos e sete perpendiculares. Como cada zona tem sete andares, significa que cada zona cria um palpável centímetro de nada. Se de fato existem infinitas zonas anexas, por consequência, é preciso existir um vazio igualmente infinito. Mas se infinitas zonas ocupam um espaço igualmente infinito, para onde vai todo esse vazio?”

Só há um trabalho na Ala Zero. O trabalho que desafia qualquer iniciativa, qualquer dúvida: cada morador da zona é alocado em uma longa esteira, na qual deve permanecer em silêncio, sob uma temperatura de dez graus. Lá recebem as remessas. Primeiro soa a sequência binária: Fá para um, Si para zero. Ela indica, em ordem, a esteira que receberá a remessa, a Ala de destino e que tipo de transcrição deve ser usada. Horas podem passar até que uma chegue. Da mesma forma, podem surgir dezenas em apenas alguns minutos. A aleatoriedade impede o relaxamento e a monotonia gera um intenso tédio. O resultando contrastante é uma neurose que devora pouco a pouco cada funcionário.

MT já vinha, há muito, sucumbindo. Olhos vidrados. Cabelo ausente em partes de um couro cabeludo com feridas de coceira. O hálito é o principal sintoma: morrem de dentro para fora e o cheiro da podridão vai escapando pela boca em um perverso *memento mori*. De súbito, inicia-se a melodia bitônica reverberando pelas chapas de aço. Si - Si – Fá – Fá – Fá – Si – Fá. Mais duas sequências. Fá para 0, Si para 1. SS é retirado da letargia e sente uma acidez forte subir por sua garganta – princípio do fim. O código indica que a Remessa pertence a MT. O trabalho, em condições normais, seria simples: é preciso decodificar uma criptografia padrão transmitida por sons binários e registrar oralmente o resultado numérico no próprio aparelho. Depois, encaminha-se o pacote pela esteira à Ala destinatária. O regime, contudo, não favorece o raciocínio claro. Tomados pelo tédio, dezenas de funcionários ociosos observam, ainda que indiretamente, MT trabalhar. A tensão é insuportável. A boca seca. As mãos trêmulas. MT coça o rosto até sentir a pele entrar pela fresta das unhas. Ao digitar o resultado, as luzes brancas se apagam e a luz vermelha se acende: falha de decodificação detectada. Como no sonho, o negro e vermelho alternam a total escuridão com os lapsos de um quadro em câmara lenta. Os homens-sem-face, pintados de sombras, avolumam-se. As máscaras de gás tomam ares de focinhos metálicos. É possível ouvir o grunhir das feras

contidas no uniforme isolante. Todos unidos, compassados, formando um único sem-face maior e disforme. Os braços envolvem o corpo do funcionário, que sequer tenta gritar. Apenas treme. Treme tão forte que os dentes, as vezes, chegam a rachar. É levado ao correçãoário.

3.

Quarenta e nove funcionários se recolhem ao som do sexto alarme. O apagar das luzes. Seis horas de escuridão esperam todos os habitantes da Ala Zero. As lâmpadas começam a desligar da margem para o centro. O mundo mingua mecanicamente até sobrar apenas um resto de corredor cujos caminhos, todos, conduzem ao inevitável abismo. A mente, exausta pela rotina, funciona entre apagões. SS enrola a camisa de seu uniforme cuidadosamente e acomoda-a em sua boca. E grita até seus pulmões cansarem, até as cordas vocais falharem, até sentir a garganta explodir. Depois, por um breve momento, o corpo todo relaxa, o ar entra fresco pelo corpo. Move os lábios em silêncio, brincando de dizer tudo que diria ao longo do dia. Com certo esforço, consegue permanecer uma hora desperto no profundo diálogo de si mesmo. Rememora uma e outra vez seu único passeio noturno. É jovem ainda. Está prestes a dormir quando o ranger da porta indica uma falha na tranca. Descalço, caminha entre os corredores desertos. Sente o frio metálico na sola dos pés. Mesmo sem luz, é possível guiar-se com perfeição pelos caminhos geométricos. A escuridão é o único momento de real silêncio. O único momento em que o ruído elétrico não toma os ares de estática. O único momento em que é possível realmente ouvir o mundo e seus infinitos corredores. Do quarto, tudo é apenas um resíduo de som, que não tarda a fundir-se com a imaginação e com o sono. Seus passos, contudo, o levam ao ponto mais marginal da Ala. Na sua frente apenas a parede que divisa o universo, que limita o espaço e o não-espaço. Passa as mãos pelas inexatas placas de metal. Ouve o fluir do ar entre o ferro, as engrenagens estalando, ruídos graves e ecoantes, como se tudo fosse parte de um grande e velho corpo a mover-se pelas sombras. “O conceito de parede pressupõe a divisão entre dois espaços. Um lado de cá e um lado de lá. Não pode haver uma parede sem outro lado. Não pode haver. Não pode.”. Esmurra com todas as suas forças a placa. O som ecoa por toda a Ala. Mas ninguém vem. Ninguém responde. O abismo ignora suas súplicas.

4.

Toda mente clama por imagens. Mesmo o cego precisa delas. Sente o mundo através de seus dedos e pinta o mundo em sua mente. SS tem quatro anos quando descobre o poder da pintura. Do fato, os cacos de memória só conseguem recuperar o crucial: não sabe onde está. Mas está sozinho. Há fezes no chão. Seus dedos ingênuos passeiam pelo material orgânico, deixando marcas no chão. Aquilo lhe dá enorme prazer. A descoberta do poder criativo. Faz sucessivos riscos no chão. É capaz de romper a uniformidade do mundo com apenas um dedo. Alguém chega e carrega-o para longe de sua obra. Mas está consumado. Refinou por anos seu prazer. A grande virada foi descobrir o sangue. Ocorrera há poucos meses. Um dos funcionários, em surto, morde o próprio punho até arrancar a carne. O sangue flui, colorindo com intensidade e eficácia o tom uniforme do mundo. Com seu dedo traça um círculo, a figura proibida, só presente em perfeição nos olhos. É impossível para um funcionário contemplá-lo de muito perto ou por muito tempo, uma vez que isso requereria uma proximidade desencorajada pelos homens-sem-face.

Ver o círculo em sangue foi iluminador para SS. Não podia, contudo, apenas cortar-se e fazer o mesmo, ou acabaria no correçãoário. Para conseguir sangue precisava de uma fonte que não fosse visível em uma inspeção corporal, padrão semanal na Ala. Não tardou para encontrar o método. Corta, com uma lasca de unha, o espaço entre a gengiva e interior do lábio. O sangue escorre abundante pela boca. É preciso o cuidado de não deixá-lo cair na roupa ou no chão. Ao apagar das luzes, escreve livremente no único espaço que as câmeras do quarto não conseguem vigiar ao longo do dia, o teto. Pela manhã, ao despertar, contempla sua criação feita às cegas e memoriza os ajustes que precisa fazer.

O primeiro passo foi desenvolver uma forma de notar os números. Iniciou com riscos, passando em pouco tempo a símbolos que dessem conta de representar os dez algarismos. Tendo espaço limitado, era preciso calcular com precisão como gastá-lo. Testava e repassava na mente as fórmulas, registrando os resultados mais precisos ao anoitecer. O projeto: calcular o Pi, a corporificação do proibido, do caótico, a verdadeira face do infinito. Um cálculo como aquele seria impossível sem a ajuda da escrita. As centenas de cálculos mentais que precisa fazer ao longo do dia poderiam interferir do registro mnemônico dos resultados. Precisão é fundamental.

A cada noite, o número cresce. A cada noite seu sangue nutre uma criatura que se alastra pelo teto, ousando escorrer pelas paredes, pelas frestas da porta. Antes de

dormir, naquele momento em que os sonhos anunciam sua chegada, é possível vê-los pulsar, chamar pelo seu nome num sibilar constante, hipnótico.

5.

Os olhos se abrem. “Três vírgula um quatro um cinco nove dois meia cinco três cinco oito nove sete nove três dois três oito quatro meia dois meia quatro três...”. Perdida-se nos números até o primeiro alarme do dia tocar. Hora do preparo. As portas destravam. A miríade de corpos abarrotada ordenadamente o corredor. Ao sair, SS sente a luz fritar seus olhos. O ruído de eletricidade atravessa sua cabeça como uma serra enferrujada. Desloca-se para seu lugar na fila. Uma ansiedade passeia pelo corpo, enroscando-se com centenas de filamentos seu estômago, sua coluna, seu pescoço. Gotas caem de sua testa, chocando-se contra o chão com a força de um motor industrial. Por que nunca ninguém olhava para trás? Por que ninguém nunca cedia à tentação de saber, de ver, de falar? Sentia ânsia de vômito. Sentia subir pela garganta não líquidos, mas palavras. Ásperas. Explosivas. Fechou os olhos tentando segurar o corpo. Si – Si – Fá – Fá – Fá – Si. Diante de si uma remessa. Tensão. As notas continuam soando. O que significam os códigos? Quem os lê? Para onde vão? Sobem palavras até o esôfago. Escapa-lhe um gemido distorcido, inconstante. Movimento dos sem-face. Liga o botão de gravar. Que números deveria dizer? Por que não cantar uma melodia? Por que não cantar a própria constante inconstante, o número proibido? Sua mente arredondou. É isso. Os pensamentos cartesianos não conseguem se firmar em um ambiente esférico. As ideias dão curvas. Apontam para si mesmas, para sua total arbitrariedade. Apontam para a espiral amarela. Está novamente na sala de aula. Tem novamente sete anos. Um rosto o observa pela vidraça. “Giz”, diz a voz rouca. Gira. Gira. Gira. Cada vez maior e maior. “É uma espiral”, balbucia. Ela não leva a lugar nenhum? “Não sei. Acho que não. Mas pelo menos você fica cada vez mais longe de onde tudo começou”. Desperta no quarto. A luz vermelha havia tomado toda a zona. O teto goteja preenchendo seu corpo com sua própria obra-prima. No chão, um corpo nu virado para baixo. SS não suporta e vomita um grito incontido, livre, desesperador e libertador. O corpo se move, ressaltando dezenas de lacerações na carne. São mordidas. O corpo jorra tinta. O Pi clama pela fonte inesgotável. Mas os sem-face chegam. Os braços envolvem seu corpo de toques gelados. As respirações filtradas, em conjunto, se tornam uma voz grotesca a dizer verdades indecifráveis. Haverá uma face por baixo das máscaras? SS se debate. Sente a dor dos golpes. O gás inundando seu pulmão. Uma máscara cai, fazendo com

que a criatura toda se retraia por um breve momento. Sedento, SS vira seu rosto e observa. Mas nem sempre o véu cobre a verdade. Às vezes, a única verdade inteligível é o próprio véu.

Interlúdio

“Os números contém tudo que o universo sabe. É preciso, no entanto, saber decifrá-los, ler por trás de sua total falta de sentido. Muitas vezes, o resultado sequer pode se transformar em palavras. Nesses casos, forma-se a verdade em sua essência mais pura, sem a perda presente em qualquer tradução. Essa é a língua falada pelo universo. A nossa apenas consegue alcançar sua sombra na parede. Para os demais, os números são apenas instrumentos, formas de ler as remessas que vem e que vão, formas de continuar vivo, ainda que como mera válvula. Não para mim. Se o universo é feito de números, e o número é um fragmento ínfimo, mas ainda sim importantíssimo, da própria trama da existência. Cada remessa, sendo feita de números, é uma cápsula que contém em si um vislumbre da verdadeira realidade. E todos os números de todas as remessas e todas as possíveis zonas se escondem dentro do Pi. Essa é sua importância. A nossa mente nunca conceberá toda sua grandiosidade. Nem poderia. Enlouqueceríamos. Ele é a representação absoluta do Infinito. Não o infinito previsível dos números inteiros, que se estendem tediosamente, um após o outro. Tampouco o apreensível infinito que habita o vão entre o zero e o um. Falo do infinito caótico e arrebatador dos decimais do Pi. Seus algarismos se repetem infinitamente em total aleatoriedade. Todas as combinações de todos os algarismos se encontra nele. Tal é sua vastidão, que, em algum ponto de seu território insólito, se encontram, transcritos em binário, todas as falas já proferidas pela humanidade em ordem cronológica. Sua natureza é tão incontrolável que, mesmo sendo possível calcular cada um de seus números, esbarraríamos na última parede: um deserto intransponível de zeros, capaz de resistir à própria e ínfima existência de nosso universo. Uma vez, perdido no emaranhado de números, achei o ano exato do meu nascimento. Isso significa que há uma boa possibilidade de eu já ter esbarrado, mesmo que sem notar, no ano exato da minha própria morte”.

Um funcionário desperta. Os olhos abertos lhe são inúteis. A completa ausência de luz o cerca. Ao tentar mover-se, o desespero toma conta de seu corpo. Algo tubular atravessa sua boca, passando pelo esôfago e, provavelmente alcançando o estômago. Algo igualmente penetra por suas veias dos braços. Por último, sente que algo está profundamente enterrado em seu ânus, mantendo-o excessivamente dilatado. Qualquer movimento maior que o tremor incontrolável que toma posse de seu corpo é imediatamente repellido pela aguda consciência dos corpos estranhos que violam sua carne. Os olhos, perdidos pela órbita, sem função, tentam captar qualquer traço de luz, qualquer vulto ou forma. Conforme a sensibilidade dos nervos se afina, pode perceber que há, ainda, incontáveis fios menores presos por agulhas mínimas. Tenta gritar, mas o tubo bloqueia completamente a possibilidade de emitir sons. Tudo que consegue é respirar com força, dissolvendo no ambiente o único som do ar que escapa de seus pulmões.

Perde-se na própria mente, em busca de um lugar melhor. Tenta pensar no número, faz cálculos para distrair-se, perdendo-se em eventuais, rápidos e angustiantes sonhos. Nenhum alarme. Nenhuma luz. Nenhuma determinação de tempo ou lugar. Sua existência só podia ser confirmada pela própria consciência. Enquanto conseguisse pensar, sobreviveria ao oblívio.

O corpo era seu relógio. Pela fome, não poderia haver passado mais de um dia, ainda que a mente já sentisse anos de prisão. Foi no ápice de sua fome que ouviu pela primeira vez outro som. Parecia brotar de dentro de seu próprio âmago, mas era conduzido por uns dos tubos.

Primeira sensação. Algo grosso, coloidal, avançava para dentro de seu corpo. Não havia como sentir gosto, textura, cheiro. O único que lhe chegava aos sentidos era a leve vibração da pasta passando pelo cano. De súbito sentiu seu estômago ser preenchido de frio. Tentou vomitar em vão diversas vezes. O fluxo da pasta era mais forte. Mesmo depois de encerrada a alimentação forçada, todo material rejeitado sobe até certo ponto para depois, obrigado pela gravidade, recuar novamente para dentro de seu dilatado estômago. Quando o material finalmente assenta no fundo do corpo, sente-se apenas um invólucro para aquilo que lhe preencheu.

Segunda sensação. Espasmos. Sem saber se os pesadelos corroeram sua sanidade, sente os músculos pularem, cruzando os nervos de uma dor elétrica. Primeiro os pés. Depois as pernas. Glúteos. Abdômen. Peitos. Braços. Pescoço. Face. Tudo contrai e relaxa, pulsa independente de sua vontade. Os impulsos param. O corpo

continua por conta própria, uma marionete zombando do impotente dono. As lágrimas escorrem pelo rosto. Os dentes parecem trincar com a força com que morde o tubo.

Terceira sensação. Uma dor aguda lhe escala, começando pelos testículos e atropelando os órgãos até alcançar a barriga. Súbito e violento, algo irrompe pelo tubo inferior a uma grande velocidade. Aspiram-no. A pressão é tamanha que se sente virando pelo avesso. O intestino esforça-se para manter-se no lugar enquanto tudo que lhe foi forçado para dentro é igualmente forçado a sair. A uretra, da mesma força é atravessada pelo calor dos líquidos que entram via soro pelas veias. O dreno lhe absorve tudo. Se antes se sentia apenas um saco de resíduos, agora sente-se vazio.

Os olhos pesam, extenuados pelo estresse, desespero e tensão. O corpo abandona qualquer resistência. Das completas sombras, uma mais densa se ergue, cobrindo, agora, sua mente. Apaga. Fim do primeiro dia.

7.

A vibração do tubo superior começa, fazendo sua boca salivar inutilmente. A resposta automática do corpo o faz sentir-se um cachorro. A fome não tarda em ser aplacada pela massa desconhecida. Apesar de toda a comida que recebia, sente o corpo emagrecer. Está fino, ralo. Os olhos se enterram cada dia mais fundo no crânio. As unhas crescem cada dia mais quebradiças. Acostumou-se aos choques. Sentir algo o mantinha alerta por alguns minutos, em que podia imaginar o sabor dos cubos de carne, de sua bebida. Imaginar-se falando com as válvulas e vendo seus rostos de tensão. Visualizar sua obra-prima. Nunca se acostumou, contudo, ao esvaziamento. Parecia, ao contrário, piorar a cada dia.

Ouve, então, a eletricidade subir pelos cabos, vorazes por suas terminações nervosas. Sua mente, completamente esvaziada, um mundo branco contra as sombras de sua nova vida. Resiste, sem perceber, às primeiras descargas. Sempre imaginou a eletricidade tão amarela quanto à espiral. A imagem assume plenitude em sua imaginação. A energia circulando livremente seu corpo, sem resistência. A corrente intensifica. Os dentes, rachados, são forçados contra o tubo. As unhas rompem-se contra a palma das mãos. O pulso é tão forte que um dos eletrodos queima em uma fagulha feita de puro esplendor. Uma haste dourada risca o vazio. A cegueira causada pelo contraste impede-o de ver, mas, tal as pinturas do teto ao apagar das luzes, a imagem passou por seus olhos ofuscados tatuou-se na íris em um quadro belo e aterrador: um

cubículo mínimo, os respingos de sangue na parede, as dezenas de tubos e fios descendo das paredes e tetos, nenhuma porta ou janela, nenhuma câmara, nenhum rádio, nada. Apenas, riscado na chapa de metal diante de si, a gloriosa espiral.

Entende finalmente seu destino. Seu martírio. Precisa alcançar os traços no metal. O coração, por primeira vez em muito tempo, bate com força. Sente a vida correr pela pele moribunda, encharcá-lo de uma energia que há muito pensava já não ter. Move os braços forçando as tiras de plástico, sentindo as agulhas, mínimos dedos metálicos, agarrando-se dolorosamente à seus músculos e veias. O sangue está fervendo quando corre pelos braços. Ao romper as amarras, ergue os braços em um ato instintivo de adoração a divindades ancestrais. Segura firme o tubo que prolonga seu esôfago até o teto. Força-o para fora num regurgitar bestial. A máquina, dotada de uma imprevista consciência, parece querer lutar. Sente a dor iniciar-se em seus testículos. Os tubos pedem pela drenagem. Os canais inferiores, posicionados cirurgicamente para não aspirar as paredes do intestino e da uretra, conforme vão sendo puxadas agarram-se ao interior do corpo. Prostra-se no chão em posição fetal sentindo suas entranhas serem forçadas para fora. Um esforço derradeiro o liberta da vida-máquina. Liberdade.

Os dedos acariciam o metal. Sentem as mínimas texturas do giz na parede. Não foi alucinação. O símbolo está diante de sua face, pode sentir seu cheiro. O círculo infinito que sempre o procurou. O sentido de tudo. A unha arranha a placa, produzindo um forte e agudo silvo. Um dos fios acaricia seu braço, o faz lembrar que seu dever é ser válvula. Um ódio puro e ingênuo queima seu estômago. Envolve os tentáculos do deus-máquina entre suas mãos. Puxa-os até arrancar a pele do colosso. Pela primeira vez, toca a carne viva por detrás dos muros do universo. Sente as entranhas cibernéticas freando seu avanço conforme cava fios, tubos, placas e pistões. Luta. Arremete-se contra o metal com todas as suas forças, em um parto cheio de óleo, suor e sangue. As horas avançam. O tubo de alimentação, livre do corpo, regurgita a papa amorfa. Penetra cada vez mais fundo no corpo estranho. Sente o gosto da verdade agredir seu paladar.

8.

Um assovio agudo e melodioso é intercalado com uma tosse carregada de muco. A sala está vazia. Pela pequena vidraça da porta entra um único e quadrado fecho de luz, que não tarda em desfazer-se em um brilho redondo no meio da sala. O ângulo reto é a marca do homem. De seu domínio forçado sobre o universo. Sua teimosia ancestral contra a harmonia circular. Na zona educacional, tudo ainda é intuitivo para SS. Serão

necessários quinze anos para que formule com o mesmo sangue agora mancha o chão a verdade no teto de seu dormitório. A melodia segue de forma improvisada, acompanhada do motor de um aspirador que lhe serve de segunda voz. SS consegue ficar de pé. Checa seu uniforme. Se houvesse manchas os instrutores poderiam obrigá-lo a passar outro turno na área de limpeza. Há dois meses precisa trocar seu tempo de exercício por trabalhos reformatórios. Sente o cheiro de urina e as calças úmidas. A mente, como uma lâmpada prestes a queimar, oscila entre memória e escuridão. A instrutora. A interrupção. A punição. Todos já haviam partido. Os golpes, a cada dia mais fortes, lhe haviam desacordado. Nunca antes esteve diante da verdadeira solidão como naquele momento. O que sua lógica interna acusava, contudo, como emoção negativa se manifestava como um confortante senso de liberdade. Por primeira vez, ninguém estava olhando para ele. Nem as câmeras, nem os instrutores, nem outros meninos. Levanta-se, reunindo suas forças, a boca se arqueia em uma expressão rara, sem palavra que lhe corresponda adequadamente. As pernas, ainda fracas do corretivo, vacilam, fazendo que o corpo gire. E não para mais. Um menino gira com todas as suas forças, vendo o mundo quadrado desfazer-se em um borrão cônico de luz e sombras. Sente algo subir-lhe das entranhas. Pensa que é vômito. Mas é um som. Leve, agradável, doce. Que ecoa por todos os corredores de todas as zonas de todos os complexos. Quando para, o mundo ainda persiste no giro, como se lamentasse à volta àquela realidade reta. Sem perceber, a esfera de luz se eclipsou durante o giro. Na pequena vitrine, uma silhueta o observa.

Desperta. Ao abrir os olhos, SS sente-se emergido de um profundo mergulho na mesma papa que atravessava seu corpo. O sonho vívido ainda está marcado nas pálpebras, desvanecendo-se conforme o mundo retoma sua desonírica forma. As mesmas faíscas que possibilitaram sua fuga passeiam intermitentes pelas quinas de um longo corredor. As proporções eram as mesas dos caminhos branco-metálicos de sua zona, mas a limpeza e ordem de lá, ali encontravam apenas sua completa antítese. Suas mãos, antes sujas apenas por seus próprios fluidos, estavam agora tingidas de uma poeira gordurosa e carbônica que se espalhava pelo chão e pareciam desesperadamente escalar as paredes em direção ao teto. Abundavam, ali, cilíndricos cabos de energia, pistões, engrenagens. Diferente, contudo, dos heptágonos que encontrava nas esteiras, distribuidoras e nas remessas, tudo ali era perfeitamente circular. É como se do outro lado do símbolo houvesse um mundo outro que em tudo se assemelhasse ao seu, mas, ao mesmo tempo, em todo lhe fosse oposto. SS através da espiral.

A fascinação, contudo, se polui em um medo descentrado, uma sensação de angústia, de prisão. Não há, ali, a paz clandestina que encontrou tempos antes ao explorar os corredores vazios de sua zona. O silêncio reverencial que outrora vivenciou foi substituído por uma estática que ultrapassa as fronteiras do som, manchando visão, paladar, tato. Cada novo bloco, igual em tudo ao anterior, faz sua mente contorcer em uma incompreensão diante da sensação de já haver passado por aquela cena e a trêmula certeza de nunca tê-lo feito. Deseja uma palavra para descrever sua situação, mas só encontra vazios em sua língua.

Instintivamente, percebe que se dirige para a escadaria. Não a simétrica sequência de retângulos que o conduziam para a área de trabalho, mas a escada-espiral. Ergue-se como uma imensa construção de metal enegrecido e enferrujado, um tubo que atravessa o abismo por trás de todas as paredes. Ali, as estáticas se reúnem em uma harmonia de vozes díssonas. “Sete vezes um sete, sete vezes dois catorze, sete...”. Degraus. Notas bitônicas passeiam no ar: Si – Si – Fá – Fá – Fá – Si. Degraus. “As luzes brancas foram substituídas pelas vermelhas intermitentes”. As mãos se comprimem instintivamente. Degraus. Um grito abafado reverbera pelas paredes. Degraus. “você fica cada vez mais longe de onde tudo começou”. O leve gosto da verdade começava a inundar sua garganta de um sabor amargo. Degraus. “Os números contém tudo que o universo sabe”. Já é possível ver o fim da escadaria. A verdade queima seu estômago. A espiral se enrola em seu pescoço como uma serpente anterior ao próprio mundo.

9.

Em seus sonhos, SS sempre esteve na mesma sala. No início, pensou que tratasse da sala da zona educacional, na qual passou os anos mais difíceis da vida, no qual teve suas grandes descobertas, no qual viu a espiral por primeira vez, no qual sentiu a mão do zelador em volta de seu pescoço, no qual ouviu por primeira vez a palavra giz. Descobriu, depois, que não se tratava exatamente da mesma sala, mas apenas de uma sala semelhante. Todas as salas do universo são semelhantes. Apenas a proporção muda. Retirando os móveis e as máquinas que eventualmente são transportados para dentro delas, toda sala se torna uma versão escalada da mesma figura. No sonho, ao perder as noções de proporção, a sala não é apenas uma sala, mas todas elas ao mesmo tempo. Todas as idades. Todas as vidas.

Ao imaginar o fim do mundo, mesmo em seu recorrente sonho, sempre imaginou uma parede final, que emanasse uma avassaladora sensação de solidez de indestrutibilidade. O mundo que acabou de percorrer, contudo, termina em teto, não em parede. SS observa, pouco acima de sua cabeça, uma escotilha. Nada tinha da eterna plenitude esperada em sua imaginação. Como tudo no mundo-espiral, era o oposto, frágil, ridícula. No chão, uma pesada ferramenta parecia indicar que o portal há pouco havia sido utilizado. Ao seu lado, quatrocentos e oitenta e nove riscos na chapa metálica do degrau. Ao fazer o quadringentésimo nonagésimo risco inspirou o resto de esperança que ainda lhe restava.

E abriu a escotilha.

Primeiro a cegueira. Aos poucos, o tudo toma forma. O mundo sem paredes ou tetos torna a escotilha uma falha desprezável na imensidão perfeita. O universo, acima de todas as possibilidades, é redondo. E em seu topo, fulminante como o fim deveria de fato ser, fulgura a grande espiral amarela. Como se, de repente, não passasse da menor das casas decimais, perdido entre cifras que se avolumam em infinitos positivos e negativos, rendeu-se diante do breve momento de verdadeira liberdade. A boca se arqueava novamente e emitia sons de um prazer irreprimível.

A retina, já quase vazia de sanidade e consciência, reflete o rosto dos seres impensáveis que caminham sem nunca notar o mundo ínfimo que comprime na mínima fresta de um ponto qualquer de lugar nenhum. Neles, o universo se manifesta em seu absoluto e aterrador silêncio. E te encara.

Epílogo

“Estou melhor na Ala Sete. Educacional. Cuido da limpeza, agora. O correçãoário pode mudar a vida de uma pessoa, seja lá o que acontece dentro dele. Meus dias vão ficando para trás, meu corpo vai apodrecendo aos poucos. Mas eu não reclamo, sabe? Todos morrem. Um dia, aspirando um dos corredores, eu encontrei um giz amarelo. Pensei em retomar os velhos cálculos, mas os números, eu acho, também morrem. Não os encontro mais. Agora, nas luzes apagadas, após o último alarme, só uma coisa me vem a mente para riscar na parede da sala vazia: uma longa espiral amarela.”